

POLÍTICA, RAÇA, CARÁTER NACIONAL E LITERATURA: UM DEBATE ACERCA DAS CHAVES INTERPRETATIVAS SOBRE O PENSAMENTO ROMERIANO

Maro Lara Martins*

"E, em se tratando de ciências e disciplinas que se ocupam das criações humanas, cresce de ponto a luta e a desordem aparece quase sempre" (Romero, 2002:371).¹

1. Introdução

A historiografia sobre a "Geração de 1870" e sobre a Primeira República, mostram Sílvio Romero como um personagem atuante no cenário político, social e cultural da época. Porém, as análises não são convergentes e tendem a nos oferecer diferentes visões sobre o período e sobre as idéias romerianas. Neste sentido, as opções teóricas e metodológicas dos intérpretes adquirem um papel fundamental na questão do tensionamento entre obra e contexto, bem como entre autor e obra.

Por conseguinte, observam-se seis eixos interpretativos que fornecem panoramas diversificados sobre o pensamento de Sílvio Romero. O primeiro viés tende a analisar as características culturais da obra romeriana, centrando-se nos aspectos da crítica literária e da literatura. O segundo parte para uma interpretação tendo em vista a relação entre cultura nacional e literatura. Outro ponto de vista procura uma interpretação tendo como principal referência a questão racial presente na abordagem romeriana da sociedade. A quarta chave interpretativa reflete sobre o nacionalismo e a construção da nação brasileira, enquadrando as concepções romerianas de caráter nacional neste debate. Enquanto, outra chave interpretativa aponta a renovação intelectual ocorrida a partir de Romero e da "Geração 1870" em contraponto aos cânones do Império brasileiro. Por fim, outra perspectiva que privilegia o pensamento político de Sílvio Romero.

Evidentemente, estes eixos temáticos por nós elaborados, servirão apenas como uma espécie de guia para melhor entendermos as discussões que as diversas interpretações sobre o pensamento de Sílvio Romero tem propiciado. Portanto, tais classificações são arbitrárias, constituindo-se a partir das preocupações centrais que moveram as reflexões dos intérpretes.

¹ ROMERO, Sílvio. "Da Crítica e sua Exata Definição". In: *História, literatura e crítica*. Luiz Antonio Barreto (org). Rio de Janeiro: Imago; Aracaju: UFS, 2002. p.371

2. Literatura e crítica literária

Para Antônio Candido, o pensamento de Sílvio Romero caracterizou-se pela influência de um referencial teórico europeu, provavelmente através da mediação cultural francesa. Para este autor, Romero e a Escola do Recife pertenceram a um movimento intelectual que no campo cultural significava o rompimento com a tradição de autoridade e buscava postular parâmetros científicos em suas afirmações. E mais, "*foi a primeira manifestação orgânica e flagrante do processo de aburguesamento refletindo-se nas esferas mentais*" (Candido, 1945;116).

Neste sentido, Sílvio Romero e a Escola do Recife são considerados como a primeira expressão de uma ideologia burguesa no campo literário e filosófico brasileiro. Sendo que toda a obra romeriana perpassa uma idéia de libertação: "*libertação do peso das raças inferiores, libertação da influência do clima, libertação do ensino jesuítico e retórico, libertação dos vícios políticos coloniais, libertação do servilismo à França, libertação dos exageros românticos*" (Idem, 1945;100).

Candido utilizou-se como eixo central de sua análise sobre o pensamento romeriano a questão da crítica literária. Neste sentido, sua problemática priorizou a concepção romeriana da crítica literária e suas implicações teóricas. Em linhas gerais, Candido argumentou que Romero apresentava-se como um "naturalista mitigado", cujos critérios principais de análise foram o étnico e o social; e que, a teoria da mestiçagem e a teoria do escritor representativo são os fundamentos de sua concepção.

Em sua análise sobre o pensamento de Sílvio Romero, Antonio Candido dividiu a produção romeriana em três fases:

A primeira compreende os primeiros passos da intelectualidade romeriana na qual surgiram os esboços centrais de seu pensamento evolucionista na crítica literária. Sobressai a preocupação com os fundamentos da literatura brasileira do ponto de vista naturalista e o seu objetivo principal seria o de determinar o critério de estudo. A segunda fase estendeu-se de 1880 a 1888, sendo este um momento no qual Romero volta-se para as tradições populares e busca aplicar sua crítica. Neste período passa a analisar o folclore brasileiro em busca de uma identidade nacional. E por fim, a última fase de Romero iniciou-se com a publicação de *História da Literatura Brasileira*, e caracteriza-se pelo aspecto político de suas obras.

Em sua análise sobre o pensamento de Sílvio Romero, Nelson Werneck Sodré atentou-se principalmente para a questão da reprodução das idéias européias no contexto brasileiro. Para este autor, a repetição de idéias, cujo teor provinha de uma análise das condições climáticas e raciais, favorecia a submissão do pensamento brasileiro a uma ideologia

colonialista. E mais, desviava o "principal" foco de análise, que para Sodré, deveria pautar-se por uma crítica ao modelo econômico capitalista insurgente que englobaria "*as verdadeiras razões de tantas mazelas*" (Sodré, 1965).

Ao esboçar uma interpretação da obra de Romero, Sodré privilegiou o aspecto cultural das propostas, apesar de observar a complexidade das discussões presentes à época. Argumentando que, "*por tratar de literatura, não se entendia escusado de abordar temas estranhos ao que era específico de sua tarefa circunstancial*". Neste sentido, a literatura é o palco onde Romero atua, sendo as outras discussões que promove extremamente atreladas a uma noção que perpassa o envolvimento dos intelectuais nos "problemas que interessavam a sua gente" Assim, tanto para Romero como para Sodré, o intelectual adquire uma "tarefa circunstancial" de análise e debate de problemas amplos, bem como formula propostas para a superação de tais questões (Sodré, 1965).

Quanto ao arsenal teórico de Silvio Romero, há uma argumentação que tende a considerá-lo um dos primeiros pensadores das ciências humanas no Brasil. Pois, para Sodré, é com Romero que se introduz fatores externos ao texto para entendê-lo adequadamente. Mas, a justificativa central para as concepções de Romero, encontra-se no desenvolvimento das ciências humanas de sua época.

Relacionado ao conceito de ciência, está o conceito de verdade. Para Sodré, estes conceitos estão postos de maneira íntima, o que nos leva a crer que, para ele, a ciência adquire foro de verdade a medida em se desenvolve. Desta forma, compreende-se a análise que faz de Romero, quando aponta que as "*idéias eram do seu tempo mais do que suas*".

Neste sentido, o estudo do quadro social e político de sua época torna-se necessário para Sodré. Ou seja, propõe a contextualização de Silvio Romero com o intuito de alcançar as origens e a razão da vigência de suas idéias. Um ponto problemático n'A *Ideologia do colonialismo*, é admitir que as idéias de Romero justificam-se muito mais pelo seu contexto do que pela própria individualidade do autor sergipano. Há um exagero na intervenção externa sobre o texto.

3. Literatura e cultura nacional

Em seu estudo sobre as polêmicas literárias do final do século XIX, Roberto Ventura enfatizou os aspectos discursivos presentes no debate dos intelectuais da "Geração de 70", buscando-os em torno dos fundamentos da literatura e da cultura nacional. Para Ventura, Silvio Romero e a Geração de 70 representam a tentativa de inauguração no Brasil de um pensamento secular e temporal. Além de buscarem um sentido universalista em suas perspectivas, o que levou a tendência a uma aspiração à unidade do saber (Ventura, 1991).

A adaptação dos paradigmas cientificistas europeus perpassa uma noção de crítica e seleção segundo os interesses políticos e culturais dos letrados brasileiros. Na medida em que, a base teórica e conceitual dos intelectuais foi comparada por Ventura ao sincretismo religioso. Ou seja, a partir de um sistema de partida que comanda a seleção e ordenação dos elementos tomados de empréstimo, no caso, a própria configuração social brasileira.

As polêmicas romerianas apresentam duas vertentes, as que efetivamente participou e o chamado discurso polêmico. Ventura associou as polêmicas ao caráter da intelectualidade brasileira, demonstrando que as imbricações teóricas e conceituais daquele contexto específico relacionam-se intimamente ao modo como os intelectuais entendem a si próprios.

Nos debates e polêmicas observou-se a convergência entre valores modernos e tradicionais. Pois por um lado, cabia a polêmica uma contribuição essencial ao campo intelectual, de forma a selecionar e depurar obras e escritores lançados ao público na luta pela existência. E também, comportava uma noção de código de honra e integridade pessoal presentes à época e que foram herdadas e transmitidas pela cultura consuetudinária. Deste modo, também nas polêmicas houve uma perspectiva de transição de um mundo arcaico e tradicional representado pelo século XIX brasileiro, para um mundo moderno.

Esboçando uma pequena biografia intelectual de Sílvio Romero, Maria Aparecida Rezende Mota analisa o pensamento romeriano, sob o prisma da questão nacional. Para a autora, ao escolher um tópico fundamental para a Geração de 70, como a identidade nacional, pretende-se a identificação de uma das perspectivas do projeto de construção da nação, bem como interpretar as tensões e os dilemas vividos por tal geração de intelectuais (Mota, 2000).

O texto de Mota aparece dividido em três partes; na primeira há uma tentativa de enquadramento de Sílvio Romero dentro de seu contexto, dimensionando algumas linhas gerais acerca da Geração de 70 e de seu manancial teórico; na segunda parte, a heterogeneidade das perspectivas da Geração de 70 por método comparativo é explicitada, tendo Romero como centro gravitacional; e por fim, a autora procura delinear o conceito de nação presente à época.

Para Rezende Mota, havia na elite um duplo aspecto: o político e o literário, sendo que *"ao mesmo tempo em que absorviam e reelaboravam as matrizes teóricas do pensamento europeu, procuravam, de um lado, encontrar a expressão genuína de uma possível cultura brasileira"* (idem, 2000;28), e de outro, apontar os limites da realização dos projetos de nação. Neste sentido, *"não é apropriado considerar esse pensamento cópia servil das teorias que o etnocentrismo europeu produzia aquela altura"* (idem,2000;91).

Rezende Mota admite que em Sílvia Romero revelou-se uma espécie de “positivismo independente”. Ou seja, a partir do referencial teórico europeu, Romero elabora sua própria concepção teórica, entretanto, sem admitir uma forma totalmente crítica ou uma possível independência de pensamento.

A ambigüidade do pensamento romeriano sobre a questão nacional, explica-se pela *“tensão entre uma representação homogênea da nação e a percepção de uma realidade em que os elementos da nacionalidade caminhavam em direções se não antagônicas, pelo menos alheias umas as outras”* (idem,2000;107). Em linhas gerais, significa que a nação existia enquanto corpo homogêneo e plausível, mas era necessário alterar a constituição étnica e psicológica do povo. Assim, o que há é um tensionamento entre nação e caráter nacional.

Para Rezende Mota, *“a atitude de um intelectual pressupunha uma ação transformadora, e esta, em Romero, significava o detalhamento e a divulgação, mediante seu ofício de escritor, de medidas destinadas a apressar o futuro”* (idem, 2000;98). Assim, o esforço intelectual de Romero visava analisar o seu presente para uma futura transformação e adequação da realidade aos seus pressupostos.

Quanto às idéias políticas, a autora argumenta que a partir do lançamento de *História da Literatura Brasileira* em 1888 e com o advento da República, Romero explicitamente passa a escrever sobre os problemas político-sociais do país. Acentua-se também sua participação prática na política republicana, saindo candidato várias vezes, e elegendo-se deputado para o mandato de 1900-1902.

Entretanto, Rezende Mota hierarquiza as idéias de Romero, admitindo que *“nos campos onde sua investigação foi mais profunda, a chamada cultura popular e a literatura, a obra de Sílvia Romero assume um significado singular”* (idem, 2000;113). Desta forma, o ideário político de Romero é analisado a reboque da “investigação profunda” que realiza no campo literário e cultural. O pensamento político romeriano torna-se subjugado aos seus pressupostos acerca da constituição da nação, como o caráter e a identidade nacional.

4. Questão racial

O brasilianista Skidmore argumentou que a cultura brasileira da virada do século XX, caracterizava-se por um sentido de imitação de padrões europeus, sendo que, os próprios brasileiros do período admitiam e reconheciam tal imitação (Skidmore, 1976).

Para este autor, a partir da década de 70 do século XIX, um novo espírito crítico dominou o cenário cultural brasileiro. Recife foi um dos primeiros e mais atuantes centros deste novo tipo de pensamento que se ancorava no cientificismo, no republicanismo e no anticlericalismo.

A análise que fez do pensamento de Sívio Romero, centrou-se essencialmente nos conceitos de raça e meio. Sendo que, o conceito de raça constitui a matriz do pensamento romeriano. Apesar de dividir a obra de Romero em duas fases, Skidmore atentou-se especialmente sobre a primeira fase, até o lançamento de *Historia da literatura brasileira* em 1888. E admitiu que o “reformador liberal” Sívio Romero reproduzia as opiniões correntes na Europa favorecendo o preconceito contra negros e índios.

Quanto a análise romeriana da sociedade brasileira, Skidmore argumentou que “*no fundo, naturalmente, Sívio Romero estava inseguro*”, pois suas conclusões advinham de uma avaliação da estabilidade racial da população. O que de fato, fez com que Romero projetasse para o futuro suas expectativas quanto ao sucesso ou fracasso de suas propostas de miscigenação e branqueamento populacional. Neste sentido, Skidmore preocupou-se sobretudo apenas com o aspecto racial do pensamento romeriano, considerando-o o mais importante e excluindo as outras facetas de tal pensamento.

Centrando sua análise sobre as instituições científicas do século XIX e início do XX, especificamente os museus etnográficos, os institutos históricos, as faculdades de direito e de medicina, Lílian Moritz Schwarcz abordou a relação existente entre a produção e difusão do conhecimento destas instituições com a noção de raça. Visto que, a ciência detinha um aspecto de legitimação social e estes espaços propiciaram uma identidade comum entre os seus membros (Schwarcz, 1993).

Para esta autora, os dois pressupostos que mais alcançaram êxito em território brasileiro no século XIX foram o liberalismo e o racismo. O liberalismo pautava-se sobre um prisma que considerava a liberdade individual e a responsabilidade social, em contraponto ao racismo, que propunha a inserção social deste indivíduo a partir da idéia de raça. Nota-se que, para a autora as idéias racistas provenientes da Europa são frutos de modelos evolucionistas e darwinistas sociais popularizados, sem grandes sofisticações teóricas. Num sentido voltado para a justificativa das práticas imperialistas de dominação.

Portanto, o ponto central para Schwarcz tornou-se a compreensão dos argumentos racistas levando-se em consideração que tal idéia foi construída historicamente, a partir de um relacionamento íntimo com aspectos políticos. Pois, através da divulgação em fontes como a literatura naturalista, os jornais e as revistas institucionais, o racismo penetrou na elite intelectual da época.

Neste sentido, Sívio Romero tornou-se objeto de análise na medida em que participava de diversas instituições como a Escola de Direito do Recife e o Instituto Histórico Geográfico Brasileiro, que buscavam soluções para a realidade baseadas em critérios racistas. Pois, segundo Schwarcz, desenvolveu-se na Escola de Direito do Recife uma concepção autoritária

que sobrepujava a esfera individual, vindo como única alternativa viável para o país, a mestiçagem modeladora e uniformizadora. Enquanto no IHGB, a idéia preponderante era a tentativa de fundação de uma historiografia nacional e original. Após a República, houve a tendência a legitimá-la, entretanto, ainda continuavam as propostas de uma história na qual o branco desempenha um papel central e civilizatório.

Sendo assim, as concepções romerianas são analisadas a partir de seu envolvimento nestas instituições, e considerando-se essencialmente o aspecto racista de seu posicionamento. De fato, as teorias romerianas parecem dissolver dentro de uma perspectiva mais geral das instituições que participava. A teoria política elaborada por Romero aparece como um apêndice de suas concepções racistas, na medida em que as reflexões políticas são consideradas propostas para contornar a situação racial brasileira de fins do século XIX.

5. Nacionalismo e identidade nacional

Em um ensaio de fôlego, publicado na década de 60, Dante Moreira Leite abordou como principal objeto de estudo as interpretações sobre o caráter nacional brasileiro e sobre as características psicológicas do povo brasileiro. Para este autor, as diferentes maneiras como os intelectuais brasileiros construíram suas visões sobre este assunto, explicam-se a partir de aspectos ideológicos e do contexto histórico do qual faziam parte.

Para Moreira Leite, dois conceitos básicos que fundaram a noção de nacionalismo, são o caráter nacional e o racismo. O caráter nacional constitui-se de uma via interpretativa que busca uma identidade nacional em oposição a diferença com o outro, na tentativa de buscar similaridades e especificidades de um povo que não se encontram em outros. O racismo explica-se pela tentativa de explicitar e justificar tais diferenças, e adquiriu legitimidade explicativa nos fins do século XIX e início do XX, constituindo-se em uma ideologia imperialista.

Quanto a análise da obra de Sílvio Romero, Dante Moreira Leite justificou a escolha deste objeto de estudo, argumentando que este possuía a "versão mais ampla do Brasil, por volta dos fins do século passado" (Leite, 1969; 179), e que inspirou diretamente autores subseqüentes como Euclides da Cunha, Oliveira Vianna e Gilberto Freyre.

Os "aspectos científicos" da obra romeriana, aparecem de forma a dar-lhe legitimidade aos seus pressupostos no debate intelectual da época, no qual, "*ciência era freqüentemente uma palavra prestigiosa, capaz de garantir a verdade do que afirmavam*" (Leite, 1969; 180). Entretanto, Moreira Leite admitiu que as idéias evolucionistas de Romero são contraditórias porque a aceitação de pressupostos europeus não se adequava à realidade brasileira em que vivia.

As contradições internas da perspectiva romeriana, consideradas pessimistas por Moreira Leite, marcaram-se "*por duas nítidas rupturas na vida brasileira da época: em primeiro lugar, a superação da perspectiva romântica em nossa vida intelectual; em segundo, a transformação econômica e política*" (idem, 1969; 193) advindas da extinção do trabalho escravo e do início da imigração em massa. Desta forma, a obra romeriana explica-se pelo contexto brasileiro e pela incorporação indevida de teorias européias. Esta tensão constante na visão romeriana constituiu-se para Moreira Leite o cerne explicativo de sua análise.

As idéias políticas de Sívio Romero não foram objeto de análise. Em contraponto houve uma análise da perspectiva romeriana das características psicológicas do brasileiro e das qualidades da vida intelectual brasileira, que são o foco central para Dante Moreira Leite.

Analisando os *estilos de pensamento* que caracterizaram o nacionalismo brasileiro, Lucia Lippi de Oliveira busca compreender as nuances teóricas que envolveram este tema desde a Geração de 70 até a década de 20 na Primeira República. O livro está dividido em duas partes: a primeira busca compreender as matrizes do nacionalismo francês, e a segunda, que nos interessa, almeja esboçar um quadro sobre o contexto brasileiro (Oliveira, 1990).

O nacionalismo é visto como uma ideologia que pretende, a partir de um sistema de signos, a integração coletiva. Neste sentido, a autora busca compreender as transformações no pensamento social brasileiro através das peculiaridades teóricas de cada momento histórico a respeito da ideologia nacionalista e por conseguinte da identidade nacional. A abordagem recai especialmente sobre as interpretações contidas na história literária brasileira, em uma espécie de simbiose entre cultura e política, apesar de diferenciar o nacionalismo político do nacionalismo cultural.

Quanto a Geração de 70, Oliveira admite que nestes autores a preocupação fundamental foi de construção de alternativas à realidade brasileira do Império, constituíram-se em críticos da monarquia, da escravidão, e procuraram estabelecer um arquétipo da identidade nacional pautados pelas idéias positivistas, cientificistas, ou liberais.

Sívio Romero é tratado como portador de um "cientificismo ilustrado", adepto do evolucionismo, e que, possui uma visão pessimista sobre a realidade brasileira ao postular suas teorias sobre a questão da desigualdade das raças, da miscigenação e da superioridade branca. Especificamente sobre as idéias políticas de Romero, Oliveira acaba por não mencioná-las, o que de fato, nos leva a crer que sua intenção é uma abordagem da identidade nacional romeriana no campo cultural.

6. Renovação Intelectual

Publicado em 1969, *Da Escola do Recife ao Código Civil* apresentou uma interpretação do pensamento de vários autores integrantes do movimento do Recife, como Tobias Barreto, Sílvio Romero, Artur Orlando, Clóvis Beviláqua e Higino Cunha. A análise que Chacon empreendeu sobre o pensamento de Sílvio Romero centrou-se sobre as chamadas "intuições" presentes no autor pernambucano. Colocando Romero entre um dos renovadores da inteligência brasileira, Chacon admitiu que o paradoxo central da obra romeriana era por um lado o mecanicismo do referencial evolucionista contrapondo-se pelas "intuições culturalistas, autênticas e pioneiras"; e por outro, o conservadorismo político e a aceitação romeriana da "*luta de classes como um dos principais fatores históricos, inclusive no Brasil de seu tempo*" (Chacon, 1969;75).

O texto de Chacon, não nos fornece uma visão do pensamento romeriano no qual prevalecem os aspectos intrínsecos a obra ou uma visão abrangente do contexto, o tensionamento que observou em Romero podem ser explicados, em parte, porque considerou a obra romeriana sob um aspecto generalizante e homogeneizante. Portanto, acabou por privilegiar as intuições romerianas sob uma ótica atrelada mais às concepções gerais do que as busca por entender as particularidades teóricas e contextuais.

Tendo em vista o papel da elite modernizante da Primeira Republica e suas relações com os literatos, Nicolau Sevcenko demonstrou que as transformações que perpassaram a vida cotidiana das pessoas, e conseqüentemente, a pretensão da elite brasileira de construção de um ideal de nação no qual as massas foram deixadas à margem do processo histórico. Para este autor, a idealização da nação ancorava-se na chamada civilização européia.

Assim, o projeto modernizante das elites representaria um aspecto essencial ao imperialismo, visto que, as transformações estruturais do capitalismo imperialista exigiram a mudança dos hábitos e costumes das sociedades ditas tradicionais.

Sevcenko admitiu que, para a Geração de 70, o engajamento político e social tornou-se uma questão ética, na medida em que contrapunham-se ao Império brasileiro na tentativa de modernização da sociedade brasileira através de reformas como a abolição, a república e a democracia. Os principais parâmetros para os intelectuais do período eram "construir a nação e remodelar o Estado" (Sevcenko,1999;83).

Após o advento da República e do período de modernização promovido pela elite, estes intelectuais ficaram à margem do processo político, gerando um processo de descontentamento com a situação de esquecimento e indiferença a que foram submetidos. A transformação do espaço público carioca, através das reformas urbanas, representou a condenação de hábitos e costumes tradicionais, bem como a construção de uma imagem de

civilidade dirigida pela elite dominante, em contraponto a cultura popular que foi marginalizada.

Os intelectuais viram-se obrigados a trilhar ou o caminho do jornalismo, que se remodelara impondo uma padronização à linguagem exercendo uma influência negativa sobre a criação artística; do funcionalismo ou da política.

Neste contexto, Sevcenko delineou três grupos de intelectuais da época. O primeiro grupo foi constituído daqueles que se incorporaram à "nova sociedade", favorecidos pelo regime e por um prestígio social. O segundo grupo refere-se aos marginalizados que não deslumbravam alternativas à sua situação. O terceiro grupo, compunha-se de relegados que buscavam em tom reformista uma combatividade a sua situação.

Sendo que, *"apenas o último conjunto iria se ajustar adequadamente as potencialidades da nova realidade (...) exerciam suas funções com olhos postos nos centros de decisão e nos rumos da sociedade numa atitude pervicaz de nacionalismo intelectual"* (Sevcenko, 1999;106) São estes "escritores cidadãos" que constituiriam-se nas correntes realistas de nítidas intenções sociais. E mais, ancoravam-se nos ideais éticos de ação social da Geração de 70, aceitando a literatura como um instrumento de denúncia e contestação da ordem vigente.

Desta forma, Sílvio Romero foi encarado como um destes "mosqueteiros-intelectuais", que por um lado, contrapunham-se aos cânones do Império, e por outro lado, buscavam em suas obras um tom combatente com relação aos destinos da República e da própria situação em que se encontravam.

7. Abordagem do pensamento político

Em *Medo à Utopia*, Evaristo de Moraes Filho traçou um paralelo entre utopia e mudança social. Afirmou que o pensamento utópico é um fator primordial para se pensar em mudanças sociais, proferindo assim, que as mudanças "reais" partem de utopias. Ao apontar as convergências no pensamento dos integrantes da chamada "Escola do Recife", argumentou que, "a utopia e sonho sempre os assustaram, porque lhes pareciam o falseamento da verdade, o afastamento das bases da ciência, fundada na observação e na experimentação" (Moraes Filho,1985;68).

Neste sentido, o critério de agrupamento analítico para melhor entendermos a Escola do Recife, torna-se a falta do pensamento utópico em suas análises sobre a sociedade brasileira. Análise esta que, ancorava-se no cientificismo da época, especificamente nas idéias provenientes da Europa. Portanto, ao discutir a influência do pensamento europeu sob a Escola do Recife, a considera como uma inadequada "importação de idéias".

Na análise que faz da obra Sílvio Romero, acaba privilegiando os aspectos textuais em contraponto aos debates travados por Romero com seus contemporâneos. Neste sentido, a contextualização é esquecida em prol da análise dos textos escritos. A interpretação de Moraes Filho, torna-se vazia, na medida em que não procura uma compreensão da obra romeriana em seu tempo e espaço.

Por isso, o tom empreendido pela sua interpretação perpassa muito mais um julgamento, do que um entendimento da experiência social e das formas de pensar de Sílvio Romero. Neste tom, Moraes Filho argumenta:

"Como já deixamos escrito pouco atrás, faltou a Sílvio uma certa coragem de ousar, de ser utópico, de fazer-se revolucionário. (...) Quando desacompanhado dessas suas filosofias, Sílvio enxergava bem a realidade brasileira e via a necessidade de uma mudança profunda na sociedade do seu tempo: a miséria do povo, a invasão do capital estrangeiro, o imperialismo americano, a necessidade de reforma social, no campo e na cidade, com a implantação da pequena propriedade e a melhoria da qualidade de vida" (Moraes Filho, 1985; 247).

Nesta passagem, pode-se notar que, Sílvio Romero passa a ser compreendido sob um aspecto que não possuía. Pela falta de um pensamento utópico, por seus referenciais teóricos indevidos à realidade brasileira. E justamente quando Romero afasta-se de seu manancial teórico, Moraes Filho o vê com bons olhos. Desta forma, ao analisar o pensamento político de Sílvio Romero, os fatores elencados são justamente os que Evaristo de Moraes Filho acredita serem essenciais, sem contudo, admitir que o pensador sergipano usualmente os possuía.

Entretanto, a interpretação e análise de um pensamento político, como nas pretensões de Evaristo Moraes Filho, adquire um aspecto muito interessante, na medida em que admite a complexidade do pensamento de um autor. Pois, as idéias políticas de Romero não estão plenamente isoladas de suas propostas em outros níveis de pensamento, como as culturais e sociais. Assim, o autor de *Medo à Utopia*, busca uma análise abrangente do pensamento romeriano, apesar de enfatizar o aspecto político. O mérito da análise de Moraes Filho torna-se a procura por esta complexidade.

Para Borges de Macedo, o ideário brasileiro enquadra-se dentro da cultura ocidental, o que explica a repetição das etapas e correntes de idéias européias no contexto brasileiro do século XIX. Pois, o processo de modernização ocidental incidiu sobre o pensamento, na medida em que se tentou formular respostas para as questões e problemas latentes neste único universo econômico, social, político, religioso e cultural.

Deste modo, a *"validade de uma idéia dependerá mais da sua capacidade de resolver o problema que a originou do que seu coeficiente de originalidade. E quando apresentado o problema as respostas teóricas possíveis para um mesmo problema não serão diversos aqui ou na Europa"* (Macedo,1977;39) Entretanto, as correntes brasileiras possuem especificidades pois as ênfases sobre os assuntos, os adversários combatidos, ou o pudor em confessar inovações são distintos do contexto europeu.

Neste sentido, observa-se um tensionamento entre o pertencimento a um universo mais amplo: o mundo ocidental que dita os problemas e questões a serem respondidas e as especificidades do contexto brasileiro, que orientam as formas de respostas a serem dadas.

Tratando do conceito de liberdade no século XIX brasileiro, Ubiratan Borges de Macedo buscou traçar um panorama das discussões teóricas sobre a questão da liberdade. Para este autor, verificou-se no Império brasileiro três correntes de pensamento que versaram sobre o tema, o espiritualismo eclético, a reação católica e a Escola do Recife. Constituindo-se assim a efetuação da discussão em três planos, o político, o filosófico e o religioso.

A análise que empreendeu sobre a Escola do Recife coloca a figura de Tobias Barreto como eixo central, pois, a unidade de tal Escola pode ser caracterizada por um "neokantismo misturado com uma postura evolucionista e monista" (Macedo,1977;163), por uma unidade de problemas e por uma admiração a Barreto. Apesar de dividir cronologicamente a vigência da Escola em quatro fases distintas, a primeira diz respeito a uma participação na renovação intelectual de crítica ao Império (1868-1875), a segunda fase caracteriza-se pela afirmação dos referenciais teóricos (1875-1885), a terceira compreende o apogeu da Escola e o período das principais publicações (1885-1900), e por fim a última fase que representa o declínio da Escola com a morte de seus principais membros.

Quanto às idéias de Sílvio Romero, Borges de Macedo argumentou que sua tese foi uma espécie de continuação do pensamento de Tobias Barreto. Mas a solução teórica adotada por Romero visava evitar conseqüências políticas opondo-se ao projeto de ditadura republicana dos positivistas. Interessante notar que Borges Macedo relacionou a obra romeriana em função de um debate eminentemente político presente à época. Porém, o pensamento de Sílvio Romero perpassou uma noção de homogeneidade e de estar baseado somente no debate intelectual.

Tendo como foco central de análise a identidade brasileira e suas relações com o Estado, Renato Ortiz argumentou que a problemática da cultura brasileira deve ser entendida como uma questão política. Pois, refere-se aos interesses de diversos grupos sociais, nas tentativas de construção de uma identidade simbólica, e nas suas relações com o Estado.

Para Ortiz, uma característica das teorias raciais elaboradas no Brasil durante a Primeira República foi sua dimensão de implausibilidade entre a questão racial e a identidade nacional. O dilema dos intelectuais, como Sílvio Romero, Euclides da Cunha e Nina Rodrigues, estava na tentativa de construção de uma identidade simbólica, enfatizando o caráter nacional, reportando em última instância à formação do Estado Nacional.

Ao admitirem o evolucionismo como principal pressuposto teórico, o entendimento das especificidades sociais brasileiras perpassou uma incorporação de novos argumentos ao manancial disponível, como o meio e a raça. Portanto, "*o processo de importação de idéias pressupõe (...) uma escolha da parte daqueles que consomem os produtos culturais*". (Ortiz, 1984; 30).

Este processo de escolha, apresentou-se como uma espécie de sincretismo teórico. Pois, por um lado, admitiu-se em parte as teorias disponíveis à época, ou aquelas que lhes pareciam mais convenientes; e por outro, houve uma seleção deliberada no interior destas teorias de modo a escolha ser relacionada às discussões latentes, no caso, a problemática nacional. Neste sentido, o referencial teórico adotado pelos precursores das Ciências Sociais brasileiras relacionam-se a dois aspectos, o contexto e a discussão central que realizavam.

As especificidades do pensamento romeriano referiam-se a temática da construção de um Estado nacional como meta e não como realidade vivenciada. Assim, o nexos entre contexto, teoria sincrética e prática desejável fornece o explicativo das ambigüidades do pensamento romeriano, pois dentro de um contexto histórico houve uma projeção de um futuro a ser concretizado, que somente a teoria seria capaz de orientar. Explicou-se desta forma o conteúdo de implausibilidade do pensamento racista em fins do século XIX, baseado entre a busca das singularidades do caráter nacional e da identidade brasileira e um anseio por constituir uma realidade diversa da encontrada.

Recentemente, Angela Alonso apontou que a Geração 1870 possuía um aspecto de movimento reformista e contestatório ao *status quo* imperial admitindo um viés extremamente voltado para a esfera política. Pois, não havia separação entre os campos intelectual e político, sendo que categorias como "liberais", "spencerianos", "darwinistas", "conservadores", não passavam de uma definição de identidades dentro desta elite. Portanto, a Geração 1870 deve ser vista como uma manifestação coletiva expressando-se tanto em práticas como textos. Assim, observa-se uma tensão entre a experiência social dos autores envolvidos dentro do movimento e suas respectivas obras (Alonso, 2002). Deste modo, Alonso compreendeu que as idéias provenientes da Europa sofreram um processo de triagem a partir de critérios voltados essencialmente para um usufruto político. Outro ponto salientado por Alonso remete-se a tradição herdada das discussões ocorridas durante a vigência do Império brasileiro.

8. Conclusão

As interpretações historiográficas sobre o pensamento de Sívlio Romero, apresentam-se divergentes entre si. Cada análise buscou uma compreensão ancorando-se em pressupostos diversificados, resultando assim, em um caleidoscópio de metodologias e teorias sobre o objeto específico. E evidentemente, sobre os próprios fundamentos da história.

Quanto a uma abordagem sobre os referencias de Romero, observamos diversas versões. Alguns autores abordaram as concepções romerianas de forma a considera-las uma simples imitação de teorias européias (Sodré,1965; Leite,1969; Skimore,1976; Moraes FILHO,1985), outros consideraram a concepção romeriana uma apropriação do referencial teórico europeu, sem contudo admitir uma forma crítica ou independente (Macedo,1977; Mota,2000), e alguns admitiram a idéia de sincretismo teórico como pilar explicativo (Ortiz, 1985; Ventura, 1991).

Além desta busca pelos matrizes teóricos, existiram concepções que remeteram o pensamento romeriano a algum tipo de ideologia. Para Candido, Romero associa-se a uma ideologia burguesa nascente no Brasil, enquanto que para Sodré, Romero representava uma ideologia do colonialismo que legitimava o domínio europeu. Já para Skidmore, Sívlio Romero transparece uma ideologia racista. Por fim, para muitos estudiosos o pensamento de Romero refere-se a uma ideologia nacionalista, de construção de uma identidade nacional (Leite, 1969; Ortiz,1985; Oliveira, 1990). Relacionado a uma noção de conjunto do pensamento romeriano, as interpretações divergem entre os que perpassaram uma noção de homogeneidade (Macedo, 1977; Chacon, 1969) e os que apontam diversas fases distintas na obra de Romero (Candido,1945; Skidmore,1976; Mota, 2000).

Outro ponto de discussão latente refere-se ao tensionamento entre a obra e o contexto. Para a maior parte dos estudiosos dos anos 60 e 70 o pensamento romeriano explica-se em grande parte por uma intervenção externa sobre o texto, ou seja, o contexto histórico sócio-econômico tornou-se o centro de explicações para as concepções de um autor (Sodré, 1965; Leite, 1969; Macedo, 1977). Enquanto outros autores buscaram como cerne de proposições para a explicação, uma relação direta entre a teoria elaborada por Romero e a prática almejada, vendo nesta relação as principais ambigüidades de seu pensamento (Ortiz, 1985; Skidmore,1976).

Excetuando-se Roberto Ventura, todos os estudiosos, por nós analisados, enquadram a produção romeriana dentro de um prisma de oposição e crítica ao mundo imperial. Para Ventura, Romero, através de suas polêmicas literárias, apresenta-se no limiar de uma

transição de um mundo arcaico e tradicional para um mundo moderno. Apresentando pois, aspectos inerentes a estes dois mundos.

Os aspectos culturais das propostas de Sílvio Romero são evidenciados por todos os autores que buscaram uma compreensão de seu pensamento. Entretanto, alguns estudiosos observaram as idéias políticas de Romero e procuraram analisá-las (Moraes Filho, 1985; Mota, 2000).

Porém, para Evaristo de Moraes Filho as idéias políticas de Romero não são compreendidas interconectadas a seu tempo e espaço específicos. O que perpassa uma noção de transcendência atemporal de idéias, além de uma negligência com os debates políticos e com as motivações intrínsecas a obra de Romero. Enquanto Rezende Mota hierarquiza as idéias romerianas, considerando as concepções políticas a reboque das discussões raciais, sociais e literárias.

Apesar de propormos uma reflexão sobre algumas análises do pensamento romeriano, ancorados numa perspectiva expositiva, consideramos necessário a formulação de questões sobre as interpretações já feitas, com o intuito de clarear nossa visão sobre a complexidade do pensamento de Romero. Principalmente, quanto as abordagens referentes ao aspecto político de sua perspectiva. Dito isto, podemos afirmar que a historiografia existente não conseguiu abordar de forma única e homogênea as propostas políticas de Sílvio Romero, o que evidencia a existência de diversas diretrizes interpretativas acerca das relações entre autor e obra e entre autor e contexto.

8. BIBLIOGRAFIA

- ALONSO, Angela. *Idéias em movimento: a geração 1870 na crise do Brasil-Império*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- BANDEIRA, Gisela. *A crítica romeriana: nacionalista, estética, técnica e sociológica*. In: ROMERO, Sílvio. "*Literatura, história e crítica*." Luiz Antonio Barreto (org). Rio de Janeiro: Imago, Aracaju: UFS, 2002. pp 13-24.
- CANDIDO, Antonio. *O Método Crítico de Sílvio Romero*. São Paulo: Edusp, 1988 (1945)
- LEITE, Dante Moreira. *O Caráter Nacional Brasileiro. História de uma ideologia*. 2ª ed. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1969
- MACEDO, Ubiratan Borges de. *A liberdade no Império: o pensamento sobre a liberdade no império brasileiro*. São Paulo: Convívio, 1977
- MORAES FILHO, Evaristo de. *Medo à Utopia: O pensamento social de Tobias Barreto e Sílvio Romero*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Brasília INL, 1985.
- MOTA, Maria Aparecida Rezende. *Sílvio Romero : dilemas e combates no Brasil da virada do século XX*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

- OLIVEIRA, Lucia Lippi. *A Questão Nacional na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e Identidade Nacional*. 5 ed. São Paulo: Brasiliense, 2003 (1985)
- ROMERO, Sílvio. *Da Crítica e sua Exata Definição*. In: **História, Literatura e Crítica**. Luiz Antonio Barreto (org). Rio de Janeiro: Imago; Aracaju: UFS, 2002. p.371
- SCHWARCZ, Lilian Moritz. *O Espetáculo das Raças: Cientistas, Instituições e questão racial no Brasil. 1870 – 1930*. São Paulo: Cia das Letras, 1993.
- SCHWARTZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Duas Cidades, 1977.
- _____. *Cultura e Política*. São Paulo: Paz & Terra, 2001.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão: Tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 4ed. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- SKIDMORE, Thomas E. *Preto no Branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. trad. Raul de Sá Barbosa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *A Ideologia do Colonialismo*. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965
- VENTURA, Roberto. *Estilo Tropical. História Cultural e polêmicas literárias no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

RESUMO: Neste trabalho realizamos um procedimento heurístico para interpretar a bibliografia sobre o pensamento romeriano. Detectamos seis eixos temáticos que foram seguidos pela bibliografia especializada, e notamos que o tratamento dado ao pensamento político de Sílvio Romero era insuficiente ou considerado secundário a outros posicionamentos que adotou.

PALAVRAS-CHAVE: Sílvio Romero – Bibliografia- Pensamento Brasileiro.

* O autor é mestrando em Sociologia no Iuperj e Bolsista do CNPQ.

E-mail: mmartins@iuperj.br